

**TRANSFERÊNCIA E ADOLESCÊNCIA
DO LABIRINTO DAS ANSIEDADES CONFUSIONAIS AO IMPACTO DAS PERCEPÇÕES REALÍSTICAS***

Frederico Seewald **, Porto Alegre.

O autor, no presente trabalho, se propõe a examinar um conjunto de fenômenos transferenciais - contratransferenciais na adolescência, correlacionando-os com as perturbações decorrentes dos estados confusionais e, de outra parte, com todas as possibilidades de uma aguda percepção realística. É um tema que tangencia questões como as da verdade psíquica, o mundo (interno e externo) objetivamente percebido, a mentira e a falsificação.

Este é um trabalho onde penso desenvolver um tema que há muito tem me interessado e que diz respeito a um gênero de ocorrência transferencial típico da adolescência. Refiro-me à alternância marcada e às vezes extremamente rápida entre processos onde predominam ansiedades confusionais de todas as naturezas com outros momentos onde somos surpreendidos com observações/percepções realísticas da mais fina sintonia.

Ao meu entender, é justamente nesta permanente oscilação que se localizam as maiores dificuldades técnicas para o desempenho de nossas funções, além dos principais contratempos contratransferenciais.

Ao mesmo tempo explicariam, em alguma medida, o número reduzido de profissionais (pelo menos em nosso meio) que se ocupam de adolescentes em análise.

É um tema que para ser desenvolvido deve levar em conta uma possibilidade muito grande de estarmos em torno de atividades passíveis de lesionar seriamente o aparelho psíquico de um indivíduo. Por sua natureza ele tangencia, também, questões como a da verdade psíquica, o mundo (interno e externo) objetivamente percebido, a mentira e a falsificação.

No ir e vir adolescente, nesta condição flutuante tão característica de seus funcionamentos, tomamos contato na nossa prática com múltiplas modalidades de interação. Em um turbilhão gerado por estados confusionais - dentro/fora, em cima/em baixo, na frente/atrás, adulto/criança, homem/mulher, etc... - o núcleo em torno do qual giram todos fenômenos perceptivos é o mundo das emoções.

Como decorrência disto, as confusões e percepções (internas e externas), provocam espécies de "solavancos" transferenciais onde alternam-se momentos de obscurecimento quase ao nível de fenômenos de desmentalização (Meltzer, D., 1975), com matizes autísticas; até a mais fina lâmina da mais refinada percepção que se esgueira pelas frestas e penetra nos segredos e inconsistências do "establishment" adulto.

Permito-me agora pontuar alguns processos que parecem nucleares neste período para, ao final, assinalar o que me proponho chamar de "síndrome de Tommy".

Num momento de desinvestimentos, que resultam em desidentificações progressivas e na transicionalidade de identificações mais definidas, deparamo-nos com este sujeito repleto de incertezas que se configura (Manoni, O., 1992) através de um "ar emprestado".

A conformidade e o alinhamento com seus pares viabiliza a aquisição do espaço necessário para a suspensão temporária dos antigos modelos identificatórios, sem a urgência de uma "solução".

Como viver trans e contratransferencialmente esta "mudança de penas"? Winnicott (1971) provavelmente sugeriria que a primeira medida é de que se sobreviva. Mas, além de sobreviver, que mais podemos pretender fazer? Ou, evitar de fazer, o que em algumas circunstâncias pode ser ainda mais importante.

O estado mental do analista, nesta tarefa tão estranha quanto fascinante, deveria incluir a perspectiva da perplexidade. O quanto de saudável ou de perturbado está me demonstrando aquele jovem sentado na minha frente? Será que sua perturbação é maior do que a média de seus iguais? Nossa situação não é privilegiada para isto, como já lembrou Meltzer (1978), porque o verdadeiro habitat do jovem é a comunidade adolescente e nós estamos fora desta comunidade. Podemos olhá-los à distância, mas o problema é que à distância tudo se transforma em "japonês".

Uma pequena experiência inesquecível foi-me possível viver muitos anos atrás quando eu era ainda estudante de medicina e fazia meus primeiros plantões psiquiátricos. No meio da noite irrompem no hospital um "bando" de adolescentes, membros de uma comunidade "hippie". Todos muito parecidos, coloridos, um pouco sujos, hippies de terceiro mundo, talvez. Falavam de uma maneira pastosa e arrastada, dois ou três ao mesmo tempo, com uma expressão distante, anestesiada, aérea. A questão se resumia em que traziam um deles (qual?) para ser internado. Ele "não estava bem", "viajava demais", "o tempo todo". Falo com ele, não me parece nada diferente dos outros, mas eles insistem: "não esta bem", "precisa ficar", com o que, sem estar muito convencido, concordei, com a intenção de uma observação.

Não vou me prolongar muito, só direi que eles estavam com toda a razão e que depois de poucos dias eu entendia bem a percepção do grupo.

Que jogo é este que é jogado numa linguagem e com um tipo especial de regras que nos gera perplexidade e limita ainda mais nossa compreensão?

Quando nos propomos a entender o jogo de uma criança (play ou game) que exercita sua capacidade de aceitação da ausência do objeto, é possível que tenhamos mais clareza e lucidez quanto à discriminação do sentido do seu ato. A atividade criativa, representativa, simbólica, em contraposição ao curto-circuito dos desinvestimentos, em muitos sentidos pode se apresentar como algo mais evidente. Exemplifico: uma criança às voltas com um "objeto-sensação" (Tustin, 1986) ou num rítmico balanceio autístico constitui uma imagem que te salta aos olhos, te impacta, atropela a percepção do observador. O choque da recusa

comunicacional é óbvio.

Bem, e com o teu paciente adolescente?

O paradoxo explícito pela complexa mistura das necessidades narcisísticas e a fome objetal geram qualidades especiais de ir e vir, de aberturas e fechamentos de canais de comunicação entre o mundo interno e externo, assim como com o caráter dos vínculos.

Parto do pressuposto que este trânsito ocorra com uma ocupação maciça e diferenciada do espaço intermediário da transicionalidade.

Os movimentos dentro desta espécie de incubadora poderiam ser comparados à "pseudópodes" que ora assumem a forma de atividades delinqüenciais, ora perversas, ora esquizóides, etc...

Ao mesmo tempo tudo pode se interromper como se o psiquismo fosse colocado em "OFF", lembrando, legitimamente, o efeito de "conchas autísticas" (Tustin).

A transicionalidade, em sua função facilitadora de proporcionar uma factibilidade introjetiva aos movimentos (e necessidades) da separação tem, ao meu ver, seu contraponto com a transitoriedade.

é nesta conjunção transicionalidade x transitoriedade(1) que se localizariam os grandes fenômenos de transformação, e da transferência(2) representados, fundamentalmente, pela aquisição da noção do "eu sou" e "o outro não é eu" e, mais tarde, "e dele posso ficar separado".

Só que o "eu sou" (e também o "eu sou" adquirido pelo trabalho transferencial) adolescente, emergindo das desidentificações e identificações se potencializa em complexidade quando posto em comparação com os primeiros "eu sou" da infância.

Entre tantas coisas, a transitoriedade conflituada do processo adolescente necessariamente deverá culminar com uma aquisição sofisticada de uma noção da passagem do tempo.

Como em uma crista de uma onda, pela primeira vez pode-se olhar numa direção e contemplar o passado para, em seguida, voltar-se para o outro lado e projetar (com a possibilidade concreta de construção) o futuro. Talvez seja neste momento ambíguo, autêntica "pororoca" do desenvolvimento, que o analista de adolescentes encontra-se na posição privilegiada do observador/partícipe do clímax criativo ímpar da evolução.

Mas, como com todo gesto criativo, sua apreensão é fugaz, seu brilho intermitente e as muitas forças do destino podem num piscar de olhos puxar para o palco dos acontecimentos os mecanismos da latência que prometem um pacífico "establishment" adulto.

E os processos transferenciais desenvolvem-se acompanhando esta transitoriedade, em busca de uma nova apreensão do tempo.

Ampliar a transitoriedade além do tempo necessário - um adulto usando gíria adolescente, ou tentando se incluir em seu território - por exemplo, além do mal-estar e desconforto provoca, inevitavelmente, a sensação de algo fora do lugar, passado, um fruto que caiu do pé.

Como diz Thomas Mann (1988): "onde não há transitoriedade, princípio e fim, nascimento e morte, não há tempo (o grifo é meu) e a falha (a ausência) do tempo é o nada estagnado, tão bom e tão ruim como o desinteressante absoluto". Por isto a transicionalidade adolescente necessariamente se vê impregnada deste reconhecimento de sua essência transitória, que é o que diferencia o homem do resto da natureza e o marca de forma indelével com o registro dos inícios e dos fins, com a dádiva (ou com a maldição) do tempo.

A linearidade do tempo que aqui se anuncia e que atinge seu ápice com a criação dos filhos pequenos (Meltzer, 1973), momento de maior maturidade do psiquismo, é confrontada com a disposição mental mais prototípica da adolescência, a onipotência, que em uma de suas facetas espelha a negação da morte.

Como me dizia um garoto há poucos dias: - "eu gosto muito de pensar na morte. às vezes tento imaginar o que sentiria ao meio de uma explosão. Não posso admitir que aí acabaria tudo, prefiro acreditar que no momento seguinte estaria renascendo em alguma sala de parto".

Se a adolescência é sempre uma questão de morte (Winnicott), esta não é apenas a do assassinato do pai. A clínica nos aponta como se pode jogar com a vida neste momento. A máxima onipotência implica no maior descaso pela vida. A tragédia é sempre hóspede do vizinho. O que contém, implícito, o paradoxo da passagem do tempo.

A apreensão desta última dimensionalidade, derradeiro passo decisivo do desenvolvimento cria, então, estados inusitados de ternura e paixão mesclados com desespero e terror frente aos quais o observador menos avisado poderá detectar "perversão", "psicopatia", ou "psicose", onde deveria ler-se apenas: metamorfose.

Do aparente caos adquire forma um novo corpo, invejável embalagem para novas possibilidades de funcionamento mental. E é só através da aceitação do "caos" e dos estados não-integrados que a criatividade pode emergir.

E ninguém aceita melhor o caos do que quem está mergulhado nele, ninguém aceita melhor do que o espelho. O grupo de iguais, a formação de pares o amigo íntimo, podem proporcionar a esta renovada condição de não-integração um suporte necessário para a dependência impossível.

Quando os fenômenos transicionais (através de seus equivalentes dentro da adolescência) descumprem suas funções e se tornam patológicos - um amigo íntimo pode se transformar em um acompanhante fóbico - numa típica, ao meu ver, fetichização não perversa, o gozo se processa com a união e se inviabilizam as separações.

Neste sentido a diferenciação é o sustentáculo do desenvolvimento psíquico: meu/teu, fora/dentro, masculino/feminino e, até

mesmo, bom/mau(3).

é essencial, então, nesta condição, que alguém reflita (como espelho/ reflexo e como mente/reflexão) o que somos, pois é através deste eco/ego que vou poder perceber quem "eu sou".

Como me dizia uma garota dias atrás: - "acho que estou precisando encontrar alguém igual a mim". Ao que eu lhe retruquei: - "igual a ti para saberes quem tu és".

O jogo, o devaneio, o amigo íntimo, o espelho, se constituem em presumíveis fontes de emprego do "como se" indispensável para os movimentos de ir e vir. Só que se intercambiam cada vez mais com os chamamentos da realidade e da racionalidade que propõem um incremento do emprego dos "e-se".

H. Segal (1991) num trabalho muito interessante estabelece alguns contrastes entre o "como se e o e-se", em relação à imaginação, o brincar e a arte, privilegiando de um certo modo a aquisição da possibilidade do "e-se".

O "e-se", de fato, implica, para mim, num passo adiante da experimentação. Já tangencia com algo que poderia ser chamado de "conseqüências", com o pensamento lógico e não só com as fantasias.

O "e-se" sugere uma consideração com esta última dimensão; a da passagem do tempo.

Tomemos o caso de um bebê que em um dado momento de seu crescimento estabeleça para si a primeira (e mais crucial) questão: "tenho fome, minha mãe (seio) não está à minha disposição, "e-se" por acaso ela não voltar?

Antes disto, como Freud já descrevera, ocorrera a derradeira salvaguarda da satisfação alucinatória de desejo, meu dedo é o seio.

Numa escala intermediária - entre as constatações derivadas das verificações objetivas baseadas na racionalidade e as negações delirantes do conhecimento indesejado - temos o espaço, a dimensão do "como se".

O "e-se", portanto, está no núcleo de todas as operações da lógica e da racionalidade que permitem o exercício de executar previsões - "e-se ela não voltar?"(4).

O acesso ao conhecimento e o poder de decifrar os enigmas das ausências e da criação vão gestar, por fim, a feição definitiva da cena primária, início e fim do desejo de saber.

E nesta forma mais acabada vai se tornando possível modificar os desejos, antes que a ordem do mundo.

O adulto (assim como o analista) que através de seu vínculo com o adolescente permite o ingresso à sexualidade madura, que tolera suas vacilações e incertezas, e tem (ou toma) consciência de suas próprias resistências ao novo, e do seu ciúmes e inveja (suportando a aguda percepção de sua contratransferência), poderá, enfim, viver momentos mágicos.

Neste estado adolescente é imprescindível um montante de capacidade negativa, (para o jovem e para o seu analista), que se traduz na condição de tolerar a incerteza, o desconhecimento, sem irritantemente buscar os "fatos" e as "razões". Esta capacidade negativa, presumo, só pode ser desenvolvida na vigência de uma área transicional.

De outra parte sempre existe a possibilidade do contrário. O adulto (analista incluso) pode não só não facilitar o acesso ao conhecimento e integração como, até mesmo, estabelecer-se numa oposição direta ou mascarada a toda forma de percepção.

Recordo uma púbere, linda, ruiva, com pintas no rosto e olhos taramelados. Melancólica, parecia mover o mundo para articular umas poucas palavras. Havia perdido o interesse por tudo e, na verdade, apresentava importante ideação e risco suicida. Muitos meses mais tarde pode me contar o que determinara aquele estado. Num processo de dois tempos sofreu uma primeira experiência traumática ao final da infância. Naquela ocasião surpreendera a mãe abraçada e aos beijos com o pároco da pequena cidade do interior onde morava. Após o espanto e a apreensão seguiu-se uma cortina de fumaça onde a mãe lhe acusava de imaginativa, sonhadora, repudiando a veracidade de qualquer percepção.

Passados alguns anos, vésperas de vê-la pela primeira vez, está saindo de uma sessão de cinema na companhia de uma amiga quando se depara com o pai entrando em um carro na companhia de outra mulher. Volta para casa e decide tirar-lhe satisfações e obtém como resposta um franzir de testa e a negativa: "Eu?" "Deves estar louca!" "Tua mãe já me avisara que imaginavas coisas".

"Tu não viste nada, estás louca, não é verdade o que estás dizendo. Eu sim sei o que estou falando, eu estou certo, não tentes me enganar."

Com algumas afirmações e uma forte dose de convicção fica expressa de forma inequívoca a confusão entre o verdadeiro e o falso. O próximo passo é fazer com que o outro processe a inversão e sacramentize o "verde em amarelo". A confusão entre o verdadeiro e o falso instala uma outra lógica que se encarrega de contaminar as sensações, a memória, o juízo crítico, as percepções e, finalmente, o pensamento.

Aqui ocorre um fenômeno muito bem observado por D. Anzieu (1981), de que a relação paradoxal entre mãe (ou pai, ou analista) e o filho (ou paciente) é simetricamente inversa com o que Winnicott descreveu a respeito da ilusão e dos fenômenos transicionais. Para que esta condição se processe deve-se estabelecer um vínculo de confiança entre um e outro self, levando em conta a realidade exterior.

Neste paradoxo que estou descrevendo o que se passa é a criação de um vínculo de suspeita, de desconfiança (semelhante ao - K de Bion) onde fica subvertido o sentido da verdade. é o que D. Anzieu propõe designar como espaço da ilusão negativo.

O ataque a todas as formas de percepção, com o conseqüente dano do aparelho psíquico, acarreta o que me propus a chamar síndrome de Tommy(5).

Tommy é a história de um menino, e depois adolescente, cego, surdo, mudo e retardado. Seu drama se desenvolve a partir de

seu nascimento em meio à segunda guerra mundial quando o pai, piloto das forças aéreas britânicas, é abatido em combate. A mãe, na continuidade, se entrega para uma nova relação com um homem grosseiro e pouco sensível. Uma noite colocam Tommy em sua cama para dormir e recolhem-se para o seu quarto.

Aí, num cenário intermediário de sonho e realidade, o pai de Tommy adentra seu quarto, passa-lhe a mão na cabeça e dirige-se ao quarto da esposa. O menino segue seus passos e observa o pai surpreendendo o casal numa cena amorosa. Numa reação exaltada este outro homem ataca o pai, que é morto com um golpe na cabeça.

Assistente/criador de todo o episódio, Tommy atônito contempla o crime e, ato contínuo, sofre paralisado a investida da mãe e do companheiro.

Os dois, enfáticos, lançam-se sobre Tommy e num refrão exaustivo proclamam a "nova verdade":

- "não há nada para saber. você não ouviu. não viu. não há nada para contar para ninguém."

- "nada para ver. nada para sentir. nada para ouvir. esta é a sua decisão."

E Tommy sucumbe tornando-se cego, surdo, mudo e retardado.

Esta função enlouquecedora, exercida pelo objeto, sempre existe em maior ou menor grau. Ela pode cercear o acesso ao conhecimento - do mundo externo objetivamente percebido, assim como do mundo dos impulsos e sensações - através de vias subterrâneas, subliminares, transgeracionais; ou através de uma espécie de "blitz" avassaladora que provoca ao psiquismo uma espécie de morte em vida.

O desmantelamento do equipamento perceptivo, como recurso extremo, tem, então, a finalidade de evitar todo o tipo de contato emocional através do esfacelamento do vínculo.

Por fim, e antes de encerrar, o vínculo, seja pelo "rêverie", "holding" ou na versão atualizada da transferência, constrói e nomeia. Ou melhor, constrói porque nomeia. E nomeia de acordo com uma escuta particular.

Na verdade estou de acordo com A. Green (1975) quando ele diz que entre paciente e analista se instala uma relação dialética. O histórico e o fantástico, o real e o imaginário, estão engajados em uma interminável e inevitável dialética.

Por mais profundos que sejam os intentos do analista de comunicar-se com o paciente em sua própria língua, este, por sua vez, para ser entendido, só pode responder na língua do analista.

Em seu esforço de comunicação, diz Green, o analista não pode menos que mostrar o que ouve, através de sua experiência subjetiva do efeito produzido nele pelo discurso do paciente, sem poder pretender a absoluta objetividade de sua escuta. E muito menos, eu acrescentaria, que sua escuta seja a escuta dos seus próprios imperativos e desejos.

O analista em seu ofício é aquele que tem que tratar o traumático; que tem, sobretudo, que não provocar mais traumatismos no/ pelo tratamento.

Reconhecer, tolerar, ajudar a processar a distinção das confusões e, ao mesmo tempo, identificar, suportar, assimilar as mais agudas percepções.

é nesta composição que se resume o nosso trabalho.

O que muitas vezes está além do que podemos fazer.

Summary

Transference and adolescence - from the labyrinth of confusional anxieties to the impact of realistic perceptions

The author of this paper proposes to examine a number of transferential/ countertransferential phenomena in adolescence, relating them to disorders resulting from states of confusion and, on the other hand, to all possibilities of acute perception of reality.

This topic comes close to questions such as psychic truth, objective perception of the (inner and outer) world, lies and falsity.

Referências

- ANZIEU, D. (1981). La Transferencia Paradojica. Revista de la APdeBa. Vol. III, n° 1.
- BION, W. (1992). Conversando com Bion. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (1975). El analista, la simbolización y la ausencia en el encuadre analítico. Sobre los cambios en la practica y la experiencia analítica. Rev. de Psicoanálisis. Vol. 32.
- GREEN, A. (1982). Narcisismo de vida. Narcisismo de morte. Rio de Janeiro: Escuta.
- MANN, T. (1988). Ensaio. São Paulo: Perspectiva.
- MANONI, O. (1992). Um espanto tão intenso. Rio de Janeiro: Campus.
- MELTZER, D. (1973). Estados sexuais da mente. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1975). Exploración del autismo. Buenos Aires: Paidós.
- _____ (1978). Teorias Psicoanalítica de la Adolescencia. Seminarios de Novara. Mimeo.
- _____ (1989). Conferencia Pronunciada en APdeBA. Rev. de la APde BA. VOIXII, n° 1.
- SEGAL, H. (1991). Sonho, Fantasia e Arte. Rio de Janeiro: Imago.
- TUSTIN, F. (1986). Barreiras Autísticas em Pacientes Neuróticos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- WINNICOTT, D. (1971). O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago.

Frederico Seewald

Rua 24 de Outubro, 507/302
90510-002 - Porto Alegre - RS
Fone: 51 - 3332-985

* Trabalho apresentado em uma versão abreviada nas "Primeiras Jornadas do Departamento de Niñez y Adolescencia" da APdeBA, junho de 1993.
** Membro Efetivo da SPPA.

1. Para minha finalidade deste momento prefiro reservar à noção de transicionalidade um caráter espacial (passagem de um estado a outro) e à de transitoriedade um caráter temporal (demarcação de um tempo cronológico).
 2. A transferência tem, no que estou de acordo com Bion (1992), um caráter "transiente". Seu significado é expresso, na minha opinião pela conjunção da transicionalidade com a transitoriedade. A marca do vínculo analítico é o do "uso" do objeto (Winnicott), ao que eu acrescentaria, "por um certo tempo".
 3. Não se toma necessário cogitar, obrigatoriamente, em processos inatos para falar do bom e do mau. Até mesmo poderemos observar concordâncias entre Meltzer (1989) e A. Green (1982) quando o primeiro diz que bom é o significativo e que o mau é o anti-significado, o que se aproxima muito (ao meu ver) do que Green concebia em termos de investimentos significativos e desinvestimentos. Mas nos dois casos temos o mais importante: a qualidade é uma designação do vínculo.
 4. Não me parece, entretanto, que haja aqui qualquer necessidade de estabelecer-se um sistema de valores: "e-se" não é melhor nem pior do que "como se". Tenho para mim que, ao estilo de Bion, seria mais correto descrever o duplo sentido do trânsito. Assim teríamos: "como se" <-> "e-se".
 5. Tommy - ópera rock, musicada pelo grupo "The Who", dirigida por Ken Russel.
-

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)